



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

RUTCHELLE SILVA BRITO

**A SUPERFICIALIDADE DAS RELAÇÕES
INTERPESSOAIS NA CONTEMPORANEIDADE**

ARIQUEMES – RO

2018

Rutchelle Silva Brito

**A SUPERFICIALIDADE DAS RELAÇÕES
INTERPESSOAIS NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Prof^a Orientadora: Me. Ana Claudia Yamashiro Arantes

ARIQUEMES – RO

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

B862s	BRITO, Rutchelle Silva. A superficialidade das relações interpessoais na contemporaneidade. / por Rutchelle Silva Brito. Ariquemes: FAEMA, 2018. 53 p. TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. Orientador (a): Profa. Ma. Ana Claudia Yamashiro Arantes. 1. Psicologia. 2. Relações interpessoais. 3. Consumismo. 4. Família. 5. Sociedade . I Arantes, Ana Claudia Yamashiro. II. Título. III. FAEMA.
	CDD:150.

Bibliotecário Responsável
EDSON RODRIGUES CAVALCANTE
CRB 677/11

Assinado digitalmente por: Ana Claudia Yamashiro Arantes
Razão: Sou responsável pelo documento
Localização: FAEMA - Ariquemes - RO
O tempo: 13-12-2018 14:03:28

Rutchelle Silva Brito

<http://lattes.cnpq.br/5619526515228144>

A SUPERFICIALIDADE DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Prof^a Orientadora: Me. Ana Claudia Yamashiro Arantes

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes
<http://lattes.cnpq.br/2181183340752599>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof. Ms. Fernando Corrêa dos Santos
<http://lattes.cnpq.br/4534811916545833>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA



Prof.^a Esp. Fernanda Calmon
<http://lattes.cnpq.br/7391388401526823>
Psicóloga Clínica

Assinado digitalmente por: Fernando Correa dos Santos
Razão: Sou responsável pelo documento.
Localização: FAEMA - Ariquemes/RO.
O tempo: 13-12-2018 18:09:55

Ariquemes, 19 de Novembro de 2018.

A priori, Deus, por ser baluarte da minha existência.

A posteriori, minha mãe Cássia Aparecida e minha avó Maria Madalena por sempre acreditarem na minha capacidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser meu sustento, e por ter me proporcionado a oportunidade de realizar projetos inesperados. Sem Ele, não haveria forças e esperanças, e nada disso seria possível.

A minha mãe que sempre se mostrou um exemplo de força e coragem, acreditou no meu potencial e não mediu esforços para ajudar na realização deste sonho. A minha avó Maria Madalena, que por diversas vezes se mostrou um apoio de aconchego e cuidado durante esta jornada. Aos meus avôs Osvaldo Silva (*in memorian*) e Antônio Brito (*in memorian*) que me mostraram o amor e o carinho no início de minha vida, e que se estivessem presentes celebrariam comigo esta conquista. Aos demais familiares que sempre expressaram palavras de motivação e admiração pela minha pessoa.

Aos colegas de turma que ajudaram na caminhada de forma empática e harmoniosa. Ao presente que a Faculdade me proporcionou encontrar, minha amiga Adriela Esteiller, que desde o início se mostrou companheira, e me ajudou com afeto, paciência e carinho nesta jornada.

Aos excelentes profissionais e futuros colegas de profissão, meus professores, que conseguiram com êxito transmitir os saberes psicológicos. Em especial dedico a minha orientadora, ao qual possuo grande admiração profissional, Ana Claudia Yamashiro Arantes pela paciência e apoio, e por sempre instigar o senso crítico e reflexões a cerca da existência. Agradeço a minha supervisora Carla Patrícia Rambo Matheus por me ajudar a compreender e acreditar nas potencialidades inerentes ao ser humano.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

“Esquecemos o amor, a amizade, os sentimentos, o trabalho bem feito. O que se consome, o que se compra, são apenas sedativos morais que tranquilizam seus escrúpulos éticos”.

Zygmunt Bauman

RESUMO

A contemporaneidade implicou em diversas mudanças no cenário global (econômicas, sociais e culturais). Estas mudanças influenciaram diretamente na forma do indivíduo relacionar com o meio social e consigo mesmo. Diante do movimento capitalista, o consumismo tem se mostrado não apenas como mola propulsora do mercado, mas como agente influenciador das mediações relacionais. Perante este cenário, cabe tecer reflexões acerca da importância dada à constituição dos vínculos afetivos na contemporaneidade, bem como as características da família contemporânea e a crescente fragilização encontrada nesta. Cabe perscrutar, também, noção de existência que passa a priorizar o individualismo, a fim de finalmente inquirir sobre os dilemas encontrados pela ciência psicológica frente ao sujeito contemporâneo.

Palavras-chaves: Relações interpessoais; Consumismo; Família; Contemporaneidade; Sociedade.

ABSTRACT

Contemporaneity implies several changes in the global scenario (economic, social and cultural changes). These changes directly influence the way the individual relates to the social environment and to himself. Faced with the capitalist movement, consumerism has shown itself not only as the driving force of the market, but as an influential agent of relational mediations. Given this scenario, it is worth reflecting on the importance given to the constitution of the affective bonds in the contemporaneity. It is also worth the investigation of the characteristics of the contemporary family and the growing frailty found in it, and also the notion of existence that prioritizes individualism, due to question the dilemmas faced by psychological science in relation to the contemporary subject.

Keywords: Interpersonal relations; Consumerism; Family; Contemporaneity; Society

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 METODOLOGIA	14
4 REVISÃO DE LITERATURA	15
4.1 CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	15
4.1.1 Processo de industrialização	16
4.1.2 Consumismo.....	18
4.1.3 O indivíduo como mercadoria.....	23
4.1.4 Relações amorosas descartáveis	27
4.1.5 A família na contemporaneidade	33
4.2 PAPEL DA PSICOLOGIA FRENTE À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade tem como característica o surgimento das indústrias e o movimento de urbanização, que trouxeram significativas mudanças sociais e culturais. Os papéis de homem e mulher foram redefinidos frente às novas demandas, e, conseqüentemente, mudanças ocorreram na constituição de papéis desempenhados por ambos os sexos em suas esferas econômicas e sociais, tanto no casamento quanto na família, o que instigou, segundo Smeha e Oliveira (2013), os indivíduos a viverem suas relações de modo individualista, priorizando o próprio prazer.

Para Nery et al. (2012) um dos grandes impactos que o capitalismo gerou na humanidade fora o consumismo, onde as trocas de produtos para garantir a sobrevivência deu lugar a uma forma de consumismo, que agora concede não mais a sobrevivência como outrora, mas *status* e sinônimo de poder, em meio ao qual o "ter" se confunde ao "ser".

Consumir se mostra para além de ato; torna-se uma forma do indivíduo encontrar a si mesmo, e conseqüentemente, este modelo o reduz a um nível de uma mera mercadoria (NERY et al., 2012). O indivíduo é posto no mesmo patamar de uma mercadoria, mas levando em consideração que as mercadorias são melhoradas e substituídas a todo instante, a busca a todo o momento de se revelar como uma mercadoria agradável e modelar-se a fim de atender as demandas capitais faz com que o corpo do sujeito - posto como uma mercadoria passível de "aprimoramento" - tenha que enfrentar dietas, exercícios, cosméticos, cirurgias plásticas. O mesmo se dá no âmbito relacional: do mesmo modo que as mercadorias são trocadas e descartadas, os relacionamentos também o são.

A geração que está vivendo o presente século (XXI) se depara com intensa sensação de solidão, e, embora esteja conectada a uma multidão de pessoas, não há estabelecimento de vínculos afetivos com duração de tempo considerável. O sujeito possui dificuldade em estabelecer contato e trocas afetivas, tendo sua vida rodeada pela constante ameaça de medo, tornando as relações interpessoais difusas e ambíguas (SILVA, 2012).

Diante deste contexto surgem inquietações pertinentes à vivência de todos alocados na contemporaneidade: De que maneira as mudanças no cenário histórico

econômico afetam o sujeito? Como os sujeitos têm se inscrito na sociedade? Quais são os signos valorativos da atualidade? Qual o grau de importância atribuído às relações amorosas na vida dos sujeitos? Quais têm sido as funções da família contemporânea? Como está sendo transmitido aos sujeitos o estabelecimento de normas para atender os princípios que a vivência pautada na realidade implica? E dentro do saber psicológico ainda cabe questionar: Quais têm sido as demandas da Psicologia frente ao sujeito inserido na contemporaneidade? Como esta tem trabalhado de maneira a promover saúde mental, sem deixar-se afetar pelo movimento superficial crescente na atualidade?

Estas são questões relevantes que surgem ao tentar listar as características da atualidade. O senso reflexivo permite elencar possíveis respostas a tais perguntas relacionadas às características contemporâneas que contribuem para a propagação de uma sociedade cada vez mais pautada na superficialidade e constituição de laços que se esvaem facilmente. Contudo, o objetivo principal não será apenas elencar as respostas, mas tecer uma reflexão sobre sujeito e suas angústias e adoecimentos a partir da compreensão de tais movimentos superficiais, de modo a tentar ajudar o sujeito a lidar com tais sofrimentos de maneira consciente e evitá-los.

Para compreender a crescente superficialidade das relações interpessoais na contemporaneidade será brevemente mencionado no primeiro capítulo um percurso histórico sobre processos da história da humanidade que estão relacionados ao tempo hodierno e que culminaram no aparecimento das características deste, dentre eles: o processo de industrialização e o consumismo. Posteriormente, ainda neste mesmo capítulo será abordada a constituição do sujeito sobre si, pautada em uma supervalorização da imagem corporal a fim de exprimir-se, sendo aceito socialmente e posto como objeto desejável, compondo-se em uma figura constituída em função do desejo alheio, e as implicações desta constituição superficial que o indivíduo tenta adquirir para si como sendo sua expressão autêntica de relação entre sua interioridade e exterioridade. Serão mencionadas as formas de relações amorosas encontradas na contemporaneidade, mensurando o funcionamento volátil desta com outras características contemporâneas. E por fim, o capítulo se encerra apresentando mudanças ocorridas dentro do contexto familiar e como tem se dado as relações familiares, pontuando as consequências das formas destas relações na esfera coletiva.

O segundo capítulo é destinado a uma análise dos possíveis danos acometidos ao sujeito contemporâneo, elencando quais as estratégias que o saber psicológico disponibilizaria para ajudar o indivíduo a lidar com tais prejuízos emocionais.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender os fatores que culminam a superficialidade das relações interpessoais contemporâneas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever as características da contemporaneidade que influenciam o sujeito em sua subjetividade;
- Investigar a importância atribuída à constituição dos vínculos afetivos no cenário contemporâneo;
- Analisar a crescente fragilização dos vínculos relacionais e suas implicações sobre a vida do sujeito.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se da realização de revisão literatura que visa versar sobre as mudanças ocorridas no cenário contemporâneo e suas influências nas relações interpessoais. Esta pesquisa utiliza-se de materiais que já foram elaborados por autores que se debruçaram sobre o assunto, e que se relacionam com a temática proposta.

Nesta pesquisa bibliográfica, serão utilizados materiais e publicações científicas encontradas na base de dados Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (Scielo), e materiais da Biblioteca Julio Bordignon.

Foram pré-selecionados cerca de 50 materiais científicos e escolhidos 38 materiais para a elaboração da presente monografia. O critério de inclusão incidiu sobre referências que fazem menção aos aspectos da sociedade contemporânea, delimitando obras que correspondessem ao presente milênio, com exceção de uma obra publicada em 1988, mas pertinente à temática. Materiais que não se encaixaram nos requisitos citados foram excluídos. O período para a realização deste estudo foi compreendido entre dezembro de 2017 a outubro de 2018. Os materiais buscados foram achados através dos descritores Relações interpessoais; Consumismo; Família; Contemporaneidade; Sociedade.

Dos 43 materiais utilizados na elaboração do trabalho, constam-se: 28 artigos nacionais; 2 artigos em língua estrangeira (espanhol); 10 livros; 2 anais de congresso; 1 dicionário.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A sociedade de outrora vêm sendo modificada em aspectos econômicos, políticos e sociais, o que tem ocasionado mudanças significativas na constituição subjetiva do sujeito a as suas formas de relacionar-se. Conforme menciona Lino (2009), o processo de globalização pautado na economia capitalista influenciou diretamente as esferas econômicas, sociais e culturais, e estas mudanças refletiram sob o modo de organização estrutural das relações, sobretudo as relações intrapessoais, interpessoais e familiares.

Apesar de o homem moderno estar inserido na vida coletiva, seja na família, nas instituições sociais, comunidade e etc., não há investimento deste em promover benefícios que contemplem um bem-estar coletivo; sua preocupação volta para seu próprio bem (VIEIRA; STENGEL, 2010). Isto tem provocado o surgimento de uma sociedade individualista, que desconsidera os relacionamentos interpessoais genuínos em detrimento do próprio eu, eu este que é construído para se fazer imagem valorizada na sociedade.

O autor Hall (2006) aponta para a constituição na atualidade de um sujeito fragmentado, visto que este tem sido cada vez mais composto de várias identidades contraditórias. Este é, como denomina o autor, o sujeito pós-moderno, produzido a partir de um processo de identificação cultural que tem apresentado grande provisoriedade; são sujeitos que se identificam e se inscrevem com determinadas identidades temporariamente, não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Os laços de relacionamento interpessoais que, em época não muito distante, conferiam segurança, agora não o conferem, e, contrariamente, a constituição de relações fomentam o medo e incerteza, já que estas podem ser desfeitas, deixando o sujeito desamparado (SILVA, 2012). O nível de confiança nas relações entre os sujeitos se mostra baixa, uma vez que o os sujeitos se fecham em uma teia

individualista priorizando a si mesmo; a liberdade individual e a busca pelo sucesso postergam os ideais de cooperação e solidariedade entre os sujeitos (FERNANDES, 2017). Diante deste cenário onde as coisas são fabricadas para serem usadas e descartadas, como as relações sociais têm sido constituídas? O ser humano estaria reproduzindo este modelo de desapego às relações familiares, amorosas, e sociais? Mas como consequência deste modelo, como o sujeito tem se visto?

4.1.1 Processo de industrialização

O estudo acerca das formas de relação do homem contemporâneo remete a uma análise histórica deste, traçando um percurso desde a Antiguidade Clássica até a sociedade atual. Os processos que culminaram no surgimento e estruturação da sociedade contemporânea estão interligados à forma de vida e transformações ocorridas na história passada. Dentre as transformações, têm-se os avanços que ocorreram, destacando-se o processo de Industrialização e o surgimento do Capitalismo.

O desenvolvimento do capitalismo se deu de forma lenta ao longo da história, correspondente a Idade Média e a Idade Moderna. Seu surgimento está atrelado ao aparecimento de uma vida urbana, pois o desenvolvimento das relações mercantis fez com que a população se agrupasse em regiões para comercializar as mercadorias. Contudo, o marco do êxodo rural e ascensão da vida urbana se deu a partir do processo de Industrialização (final do século XVIII), quando a população urbana teve aumento significativo em relação à população global. O desenvolvimento do capitalismo Industrial culminou em significativas mudanças na sociedade, que agora passa ser, em sua maioria, urbana, modificando o papel desempenhado pelas cidades e a nova forma de estabelecer relações sociais entre os sujeitos (SPOSITO, 1988).

É evidente que os processos de Industrialização, e posteriormente o de Globalização¹, trouxeram inúmeras mudanças significativas na sociedade atual ao qual estamos situados. Essas transformações ocorreram na constituição das organizações sociais, cujo impacto pode ser vislumbrado diretamente sobre os seres humanos, sobre as organizações e sobre as esferas políticas (ALMEIDA et al., 2012 apud LEITE, 2016). Este processo de industrialização provocou significativas mudanças em âmbito global, trazendo alterações econômicas, culturais e sociais, gerando modificações dentro da família. As alterações advindas da Revolução Industrial foram a valorização da afetividade como base da constituição familiar. O amor romântico deu lugar às uniões, cujo objetivo era perpetuar determinada linhagem ou honrar determinado nome familiar, e na contemporaneidade, os laços são formados por livre escolha, e os indivíduos têm por objetivo unir-se em busca de um ideal de felicidade (FONSECA, 2004).

A globalização dos mercados econômicos consiste, a grosso modo, na eliminação de barreiras entre os países para estimular o setor mercantil, para que assim a economia possa estar em constante crescimento (SIMÓ I ALGADO, 2016). Este processo contribuiu para a propagação de um autoritarismo econômico que fomentou aos indivíduos engrenarem numa corrida individualista, cujo objetivo é estar à frente dos demais, tendo como primordial atender as necessidades econômicas (ZANETTI; GOMES, 2011).

Frente aos processos de globalização, capitalismo² e industrialização que caracterizam a contemporaneidade, têm-se indivíduos que não se voltam para a reflexão acerca de si, do mundo a sua volta, e a própria cultura contemporânea instiga o sujeito a substituir este momento reflexivo que promove senso crítico por uma busca para alcançar bem-estar, o individualismo e o consumismo sem limites (LINO, 2009). O sujeito moderno preconiza a necessidade de obter uma carreira

1 Globalização, conforme definição do dicionário Houaiss, alude: *s.f* 1 reunião num todo 2 planetarização 2.1 processo mundial de internacionalização econômica com forte impacto sócio cultural.

2 Capitalismo: originado historicamente desde o início da Idade Moderna que pode ser compreendido como um modo de produção de mercadorias que se deu de forma intensa a partir do processo da Revolução Industrial. Por modo de produção, entende-se tanto o modo pelo qual os meios necessários à produção são apropriados, como as relações que se estabelecem entre os homens a partir de suas vinculações ao processo de produção. Nesta perspectiva, capitalismo significa não apenas um sistema de produção de mercadorias, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca (CATANI, 2017).

profissional com êxito, buscando uma boa remuneração que propicie a autonomia, o que mostra um foco individualista e capitalista na concepção acerca do viver atual, e a área relacional passa a ser situada numa escala de importância abaixo das conquistas materiais tem sido instável, superficial e volátil (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

Diante deste cenário globalizado de grandes avanços tecnológicos e sociais, é destacável que a humanidade paradoxalmente vivencia em estado de alerta quanto a experiência de vida e em relação ao futuro. Os grandes fantasmas da vida contemporânea, conforme menciona De Camargo et al. (2009), estão relacionados à desigualdade social, à violência, às guerras, ao aquecimento global, e todos eles são resultantes da ação do próprio ser humano em suas formas de manejo das riquezas e de organização social.

4.1.2 Consumismo

O ser humano desde sua origem fez-se consumidor através da obtenção de provimento alimentício da natureza. Este fator permitiu a continuidade da espécie, e conforme a humanidade foi avançando, o homem criou objetos para facilitar a sua vida e trabalho e começou a consumir na proporção em que criava, tomando assim o consumismo grandes proporções (BITTENCOURT, 2010). Pode-se elencar como um dos pilares da origem da sociedade consumista a Revolução Industrial datada a partir de 1750, que, com o advento de máquinas a vapor, permitiu que os objetos fossem fabricados mais rápidos e em maior escala (NERY et al., 2012).

A subversão do equilíbrio consumista necessário para a garantia da sobrevivência culminou em uma desordem nas relações humanas. Esta desordem fez com que o consumismo se tornasse atualmente uma forma de gozo e satisfação para o sujeito, onde o desejar é estimulado pela sociedade. Pode-se compreender o consumismo atual como o meio de adquirir posses de maneira compulsiva e indiscriminada, proporcionando ao sujeito a sensação de que a aquisição lhe traz bem-estar (BITTENCOURT, 2010).

Na contemporaneidade o consumismo capitalista vem sendo disseminado como fator crucial para a manutenção da vida, pois a garantia de bem-estar está

associada à ideia de que o sistema financeiro precisa movimentar, e além do movimento, seria necessário o aumento para que houvesse crescimento (APPIO, 2014). Isso implica em mudanças no funcionamento e no modo de vida do indivíduo, de maneira que o sistema macro afeta de forma individual aos integrantes do sistema. Acerca do conceito do consumismo na sociedade atual, Barth (2007, p.95) postula:

[...] representa a fórmula pós-moderna da liberdade. O ideal de consumo da sociedade capitalista não tem outro horizonte, além da multiplicação ou da contínua substituição de objetos (ainda em perfeito estado de uso) por outros cada vez melhores. O resultado disto é a cultura do desperdício, onde se vive para consumir e essa é a única imagem valorizada.

O consumo na atualidade pode ser compreendido como a causa e a consequência de diversas modificações sociais, sendo que não se refere apenas a mudanças de hábitos e preferências por determinados tipos de mercadorias, mas implica em uma reformulação no âmbito cultural no qual os conceitos de homem, sociedade, tempo, família e Estado foram afetados e sofreram alterações, por isso a temática consumismo engloba diversas atividades (NERY et al., 2012).

Esse estilo de vida que vem sendo propagado por meio do incentivo ao consumo do capital vem embutido com a ideia de que adquirir bem de consumo traria plenitude, satisfação e gozo sem restrições. Esta incitação ao pleno gozo está na contramão do que a psicanálise acreditava como vigente na cultura, que teria que ser calcada em um princípio de realidade.

O psicanalista Freud (1920-1922) formula a teoria do complexo de Édipo para explicar o adentramento do sujeito no princípio da realidade, um período notável no qual a criança vive uma ambivalência de sentimentos em relação ao pai, então responsável por impor limites. Há um desejo inconsciente por parte da criança de que este pai saia de cena e sua morte é desejada para que haja o acesso ilimitado a mãe e suas leis de se desfaleçam. Porém, a criança também ama este pai e precisa de sua presença, e numa estrutura neurótica este processo acarretará na reordenação destes desejos para que eles possam atender a realidade externa; assim, a criança compreenderá a presença do pai nesta relação e aceitar suas leis.

Considerando a estruturação psíquica do indivíduo neurótico através da explicação do complexo de Édipo proposta por Freud, vê-se que o indivíduo passa por este estágio do complexo na infância para a estruturação do ego e instauração das leis e normas para que ele possa atender a realidade externa, e a reordenação

dos desejos sexuais que incidem em reprimir o gozo. Contudo, nesta sociedade onde o gozo é estimulado a repressão não ocorre, e os indivíduos buscam por este prazer desenfreadamente (APPIO, 2014).

O sujeito se põe em uma busca hedonista por vivenciar o gozo e satisfação a todo momento e a qualquer custo. Entretanto, esta busca hedonista pela satisfação implica justamente na intolerância à frustração e no adiamento do gozo, requisitos para adentrar no princípio de realidade e abandono da vivência irrestrita aos moldes do princípio de prazer. O sujeito, não sabendo lidar com as frustrações da vida, irá sempre procurar estar engajado em atividades que proporcione o gozo, não internalizando o princípio da realidade, e assim, vê-se uma geração de adultos infantilizados que não conseguem elaborar estratégias para lidar com agentes frustrantes.

O ser humano não consegue satisfazer seus desejos de forma que venha saciar-se plenamente: sacia-se a vontade de forma momentânea e logo abre-se espaço para uma nova forma de gozo. O mercado vem de encontro sempre apresentando novos produtos que supostamente trarão consigo o gozo. E neste ciclo de busca pelo prazer através dos bens, os objetos vão sendo acumulados e inutilizados, gerando diversos problemas, inclusive os de ordem ambiental (BITTENCOURT 2010). Não há o homem sendo construtor de sua própria vida neste contexto, pois não há a criação dele nele próprio, mas este se constitui a partir de objetos e coisas, e usa a sua vida para reprodução do sistema capitalista.

O indivíduo perde a expressão de sua essência, e sua forma de expressar-se no mundo é por meio de objetos que podem ser de determinada marca, que o mostram pertencer a tal classe social. A manipulação estratégica capitalista neste sentido de determinar o indivíduo conforme suas aquisições torna-se um signo para sua vida. Contudo, esta imagem construída não representa verdadeiramente a essência do homem, mas aquilo que ele equivocadamente acredita ser o melhor de si.

O consumismo como marca categórica do homem moderno tem influído sobre a maneira como os indivíduos constituem suas relações e os valores para os quais ele usa para estabelecer estes vínculos. A característica principal deste sistema não está no fato de que os indivíduos podem ter acesso aos bens que lhes são ofertados, mas na valorização e crença de que estes bens sobrepõem características pessoais do ser humano. Este sujeito perde suas singularidades para

dar lugar à crença de que o valor que se pode atribuir a ele está pautado em sua capacidade de ter e consumir (KEHL, 2009, apud BITTENCOURT, 2010).

Na contemporaneidade, com o advento do capitalismo a coletividade foi se desfazendo e dando lugar ao individualismo, que concebe que o sujeito é um ser que produz e consome, e que para estar inserido na sociedade e “ser” nela, ele precisa estar engrenado neste movimento frenético entre produzir e consumir. (AGUIAR et al., 2001). Nesta sociedade individualista, na qual o indivíduo é instigado a sobressair-se sobre os demais, este é levado a priorizar seu sucesso pessoal, sendo responsabilizado pelo seu sucesso ou fracasso; entretanto, este modelo de vivência não se dá apenas na esfera possível de admiração externa (por meio de seus bens materiais), mas por vezes resulta em confinamento na destrutividade psíquica e narcisismo (ZANETTI; GOMES, 2011).

O consumismo permite ao indivíduo que este se desvie de problemas em sua esfera subjetiva, deslocando a resolubilidade para o consumo e diminuindo superficialmente o seu problema. Este modelo de fuga dos problemas que permeiam a subjetividade e vida cotidiana traz consequências na esfera relacional e emocional, sendo que o indivíduo não se permite passar pelas frustrações que o viver implica, não sabendo lidar com o outro e consigo mesmo, pois as resoluções ficam sempre ao encargo dos bens materiais. Esta lógica materialista que instiga o sujeito para a aquisição contínua, a fim de evitar o “sofrimento”, acaba por fazer com que o indivíduo perca suas habilidades em reconhecer a si mesmo, acarretando em uma inaptidão em conseguir a autorrealização pessoal, uma vez que esta se restringe aos objetos. (BITTENCOURT, 2010).

Nery et al. (2012), ao se referir o consumismo na atualidade o nomeia de "consumo emocional", pois tem sido uma maneira de proporcionar ao sujeito vivenciar experiências afetivas. Deste modo, consumir torna-se uma maneira de desfrutar constantemente sensações novas e que proporcionem prazer e de adquirir bens que são símbolos que demonstram a superioridade econômica. Ora, se o indivíduo consegue possuir um bem que denote superioridade econômica, corre-se o risco de este sentir-se, nas relações sociais, superior às demais pessoas, e assim, gerando uma exclusão social.

O homem moderno busca saciar-se através do ato de comprar e consumir. Isto permite vivenciar uma certa sensação de bem-estar, e os prazeres voltados ao consumo podem até serem realizados em alguma medida. Mas como afirma Barth

(2007), isto não permite que o indivíduo vivencie uma autêntica alegria; sendo assim, sua vida torna-se esvaziada de sentido: a rapidez na resolubilidade torna-se prioridade, busca se voltar para o imediato e a satisfação rápida, sem dificuldades, o que culmina a longo prazo fracassos pessoais.

A promessa de satisfação advinda deste modelo capitalista se mostra insaciável, visto que, quando alcançada é reordenada para outro objeto com o intuito de satisfazer-se novamente. A felicidade como produto ofertado pelo capitalismo não é de fato vivenciada no meio social. Assim, a promessa de felicidade ofertada neste sistema torna-se inatingível, restando a ela, segundo Bauman (2008, apud Caminha 2009, p.210):

[...] um lugar ilusório em que o vasto empreendimento de novas promessas esmaece o excesso de decepções, fazendo com que a crença nessa busca não seja perdida e permaneça reatualizando a cultura consumista. Assim, o consumo se configura como uma atividade solitária, sem “vínculos duradouros”, substituindo o que era interpretado como valor (o investimento no futuro) nas sociedades de produtores, para o gasto rápido nas sociedades dos consumidores.

O sistema socioeconômico incentiva de maneira exaustiva que o indivíduo deve pertencer ao sistema consumista, e que este sistema deve ser mantido. O mercado não pode estagnar, e a economia precisa crescer cada vez mais para que a sociedade rume ao progresso e conseqüentemente à melhoria - fala esta que, por vezes, se faz presente apenas no discurso político. Logo, nesta lógica, para economia crescer, o consumismo não pode parar, e para que ele não pare, infiltra-se a ideia de que o consumismo proporciona o gozo. Esta maneira como o consumismo é apresentada tem trazido mudanças significativas na esfera das relações intrapessoais, e conseqüentemente afetam as relações interpessoais (APPIO, 2014).

Uma das grandes ferramentas contribuintes para o consumismo é a publicidade, utilizada como recurso de controle e manipulação que incita os indivíduos a comprarem, e que está presente em quase todos os lugares nos quais possa existir um eventual consumidor (NERY, 2012).

O descarte dentro do meio capitalista é constante, pois os produtos são lançados rapidamente e saem do mercado na mesma velocidade, e brevemente já se tem novos produtos à disposição, com a promessa de preencher os vazios existenciais. Os produtos são disponibilizados de forma rotatória, e mesmo que determinado produto esteja em bom funcionamento pode ser descartado pelo simples fato de que já fora lançada uma versão atualizada de tal mercadoria

(BITTENCOURT, 2010). Não se tem mais a visão de que as coisas podem ser duráveis, utilizadas e reutilizadas até o seu esgotamento.

4.1.3 O indivíduo como mercadoria

Para que o indivíduo consiga ter autonomia autêntica sobre si mesmo é necessário que este se empenhe em permitir-se acessar o seu mundo interior e tecer reflexões quanto à sua existência, entretanto, no cenário atual este movimento de conhecer a si mesmo é comutado "pelo imperativo de sua renovação para a enxurrada de produtos do mercado. Trata-se de um quadro politicamente perigoso, pois para toda uma geração o gozo se tornou um fim em si mesmo." (BITTAR, 2007, p. 607). As mercadorias apresentam-se como sedativos que prometem conforto, passando a dirigir a vivência do sujeito, afastando-o da sua existencialidade e o "ter" se sobrepõe ao "ser" (MAROUN; VIEIRA, 2008).

São inúmeros objetos fabricados e consumidos na atualidade que movimentam o capitalismo. Estes objetos surgem com a proposta de tentar aplacar angústias e permitir ao sujeito constituir-se a partir da posse dos mesmos, que propiciam grau de *status*, e dentro deste mercado pode-se mencionar a objetificação do corpo humano, sendo levado mesmo patamar relacional dos objetos. Este outro "objeto", o corpo, apresentado como mercadoria, adquire conforme menciona Severiano et al. (2016, p. 140) "uma promessa implícita de inclusão social, diferenciação. status, prazer, poder, amor e felicidade... passou a constituir-se, na hipermodernidade, sinônimo de salvação psíquica e social: 'o corpo ideal.'".

O sujeito, transformado em uma nova forma de mercadoria, precisa atender as demandas sociais de mercado, e para isso se submete a processos para conquistar as características valorizadas pelo mercado (DE CAMARGO et al., 2009). Entretanto, aquilo que se é desejado em determinado período rapidamente entra em desuso e novos perfis de valorização são fomentados, de modo que o sujeito entra num ciclo infundável de alcançar perfis transitórios. A vivência coletiva é imensamente afetada pela propagação dos valores que subsidiam e provocam "uma violência cotidiana, ditadas pelo mercado econômico" (ZANETTI; GOMES, 2011, p. 496). Mas esta violência nem sempre se dirige ao outro, mas também ao próprio corpo.

Barros Dantas (2011) introduz o a ideia de culto ao corpo para aludir à forma em que ele é representado na contemporaneidade, agindo como um dispositivo de internalização de valores idealizados pela cultura vigente e condutor a uma ilusória promessa de felicidade. Maroun e Vieira (2008) consideram o corpo via de comunicação entre o sujeito e o mundo, o que permite a construção da relação entre o indivíduo e o meio externo sociocultural. “O corpo pode ser encarado com um dos elementos que exterioriza o *interior* de uma sociedade” (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 177).

Os discursos em relação ao corpo não remetem em aceitá-lo da forma em que se apresenta, mas através de capitais que tentam corrigir, transformar e reconstruir este, reforçando no sujeito a ideia em que este pode, através do esculpimento corporal, revelar uma imagem de si, já que a sociedade não abre espaço para o sujeito revelar a si autenticamente sem sofrer julgamentos (MAROUN; VIEIRA, 2008). O cenário contemporâneo de supervalorização da imagem corporal também situa no imaginário social a negação às marcas do tempo, da ocorrência de problemas relacionais dentro das famílias, a liberdade sexual desacompanhada de responsabilidade, facetas que se configuram como uma busca narcisista de satisfação e gozo imediato e que não levam em consideração a alteridade (BITTENCOURT, 2013).

Neste cenário, De Camargo et al. (2009) fazem uma alusão à famosa frase de René Descartes "Penso, logo existo", aludindo que na sociedade atual a frase que se encaixa a afirmação de existência está no ato de comprar "Compro, logo existo". Os autores afirmam que adquirir objetos permite ao indivíduo a sensação de exercer a existência, contudo, este tipo de existência pode ser compreendido como um processo de submissão, se caracterizando ainda como inautêntica.

A história revela que as concepções acerca do corpo são resultantes dos processos sociais de cada época. Na Idade Média, o corpo estava relacionado ao pecado e deveria ser encoberto, devido à grande influência da religião sobre a sociedade. Na Renascença, o corpo é relacionado às artes, algo a ser exaltado como belo. No período de Industrialização o corpo é valorizado pela sua força de trabalho. Posteriormente, com o reconhecimento corpo como erógeno em sua totalidade, este passa a ser objeto materializado propício ao culto narcisista (MAROUN; VIEIRA, 2008). O corpo na contemporaneidade adquire status de objeto e passa a representar alto valor simbólico na atualidade (MAROUN; VIEIRA, 2008).

O corpo torna-se uma escultura recoberta de pele, músculos, cabelos que são remodelados constantemente para atender aos padrões ditados pelas indústrias de saúde e beleza. O sujeito engrena numa busca por remodelar seu corpo para conseguir alcançar o padrão instaurado através da promessa de que, alcançando-o, desfrutaria de uma felicidade; porém, entra em uma contradição, pois, para conseguir esse corpo da "felicidade" o sujeito paradoxalmente enfrenta intenso mal estar (SEVERIANO et al, 2016). Os indivíduos em geral, comparando a imagem corporal natural de si com os padrões corporais de beleza impostos, se veem insatisfeitos consigo, buscando adentrar-se nestes padrões a qualquer custo; entretanto, essa perfeição pode ser considerada ilusória e inalcançável, uma vez os padrões são criados em curto período de tempo (MAROUN; VIEIRA, 2008). Se o sujeito aparentemente alcança o padrão, seja por através de cirurgias, cosméticos, ou qualquer outro meio, novos modelos são lançados, e assim, advém um ciclo infundável na busca do corpo momentaneamente perfeito. A imagem do corpo ideal é difundida com a mensagem de que todos podem conseguir alcançar o padrão, "basta querer"; entretanto, o sujeito, não conseguindo exprimir em seu corpo o "corpo ideal", pode desenvolver sofrimentos psíquico diversos, tais como transtornos de imagem, sentimentos de impotência e fracasso, perda de autoestima e etc. (SEVERIANO et al, 2016).

Como o capitalismo traz a ideia de que as posses constituem o sujeito, neste âmbito o sujeito também é feito como mercadoria. Conforme aponta Caminha (2009, p.205):

De um lado, a mercadoria como centro das práticas cotidianas. De outro, uma constante orientação para que o modelo de conduta seja sempre articulado através do ato de consumir.

O sujeito, neste sentido, torna-se mercadoria, utilizando o corpo para adequar-se aos padrões propagados pelo capitalismo. O direcionamento do corpo como uma mercadoria gera mais serviços e formas de consumismo, configurando-se também como mais uma moeda mercantil, e cria-se objetos que visam trazer ao corpo atrativos para que este possa parecer atrativamente consumido (APPIO, 2014). Assim, o sujeito, em suas relações, passa priorizar o ideal estético construído a partir do capitalismo, que elenca com primazia as qualidades contidas no corpo, restando ao indivíduo à satisfação do seu desejo no âmbito sexual. Em detrimento da valorização do corpo, o sujeito em sua essência e em seu modo de ser é deixado

de lado, e por vezes a mercadoria vendida - no caso, o próprio corpo, que é construído para obedecer à estética estabelecida - não dá conta de trazer satisfação e completude ao sujeito.

Neste sentido de priorizar o corpo, as relações são constituídas por trocas de interesses. Os valores são subvertidos, e o que norteia a vida do sujeito contemporâneo é a busca pela satisfação, sendo que esta é constantemente renovada, sendo momentânea (CAMINHA, 2009).

O corpo, em uma concepção psicanalítica estabelece uma relação entre o psíquico e o somático, e revela "um corpo investido pela presença do outro e pelo reconhecimento das sensações corporais" (SANTOS, 2014, p. 09).

Neste sentido, o corpo pode ser comunicador dos desejos reprimidos (ainda que a repressão esteja cada vez mais distante da realidade contemporânea, mas não totalmente ausente), e de emoções não vivenciadas, as quais, incapazes de serem verbalizadas e, assim, expressas, podem atingir, por meio de um deslocamento, a via corporal, que expressa o afeto por meio da somatização (SANTOS, 2014).

O homem moderno vive em função de apagar as suas angústias, enfatizando sua existência nas satisfações imediatas e no presente, de modo que pensamentos e responsabilidades acerca do passado e o futuro são desconsiderados. O corpo, em meio a este homem imediatista, torna-se palco de toda a ambiguidade existencial, de modo que a busca por um corpo perfeito que exprima a beleza jovial pode ser compreendida como uma tentativa do sujeito de negar o futuro e as marcas que o tempo traz ao corpo, uma tentativa de viver o tempo presente em uma eterna juventude, não envelhecendo (BARROS DANTAS, 2011). Contudo, Maroun e Vieira (2008, p. 184) dizem:

No entanto, muitos esquecem que a realidade corporal não pode ser negligenciada como algo efêmero ou fluido. A realidade corporal é o local onde se depositam as fantasias, as sensações, os desejos, o real e o imaginário, ou seja, toda a subjetividade humana. Consumir o corpo a qualquer custo é uma forma de desconsiderar todos esses aspectos e retomar uma visão cartesiana de máquina onde apenas se reproduz uma determinada realidade exposta. (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 184).

A compreensão do corpo vai para além da ordem biológica, e situa-se em "um espaço entre o psíquico e somático resultante do processo de relações, nas quais se encontram as funções orgânicas e o inconsciente" (SANTOS, 2014, p. 06). O sujeito, nas experiências às quais vivencia, nega os possíveis conflitos que o viver

implica, evitando até mesmo o contato com a própria subjetividade, pois leva em consideração a efemeridade das coisas. Mas como as experiências que causariam angústia não são vivenciadas devido à priorização por se viver apenas momentos "felizes", elas se tornam sentimentos não assimilados ou elaborados pelo psiquismo, causando sofrimento psíquico e contribuindo para a dissociação entre corpo e indivíduo, e deste modo, resultando em somatização devido à incapacidade do indivíduo em tecer representações psíquicas para elaboração dos afetos (SANTOS, 2014).

O engajamento obsessivo do sujeito em construir uma aparência agradável e aceitável através do corpo pode ser compreendida como resultante da superficialidade e efemeridade das relações sociais (BARROS DANTAS, 2011). O sujeito que se vende como mercadoria experimenta uma infinidade de relações interpessoais; contudo, estas estão em plano superficial, não preenchendo o círculo social deste sujeito. A isto, Bauman (2008 apud Caminha, 2009) afirma: "sentir a infinidade de conexão, mas não estar engatado em coisa alguma". Assim, o sujeito é afetado pela cultura do consumismo, e apreende nas suas relações interpessoais o mesmo modelo estabelecido pelas leis de consumo para estabelecer suas relações com os indivíduos. Deste modo, a cultura contemporânea voltada ao consumismo e disseminação de ideias de beleza promove a insegurança e "a realidade externa traz à tona os fantasmas da realidade psíquica. Paire, neste cenário, uma ameaça de ruptura, de efemeridade, com empobrecimento das relações humanas." (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004, p. 42).

4.1.4 Relações amorosas descartáveis

A partir do modelo de descarte dos produtos surge uma problemática, visto que, no mundo capitalista no qual a sociedade está engrenada, os produtos podem ser facilmente descartados, fazendo com que as pessoas alcancem o gozo pela aquisição, mas após a aquisição o gozo cessa e precisa-se de uma nova aquisição para novamente fomentar o gozo, tornando um ciclo infundável. A sociedade consegue facilmente o gozo e com a mesma facilidade o perde, descartando o objeto, ciclo que também pode perpassar o âmbito das "coisas" e chegar nas

relações interpessoais. Assim, como sugere Leite et al. (2016) “numa sociedade em que tudo pode ser facilmente descartado, os relacionamentos também o são”.

Na cultura vigente há uma lógica consumista de objetos, onde nada é feito para durar, mas sim para ser usado, descartado e substituído, e os investimentos nas relações afetivas acabam seguindo essa lógica contemporânea onde não se emprega apego às "coisas" - a constituição de vínculos afetivos duradouros não vigora, de modo que são descartados do mesmo modo que os objetos (BRITO; BESSET, 2016).

Smeha e Oliveira (2013) caracterizam os atuais relacionamentos como sendo de uniões com prazos curtos de validade, com os quais os indivíduos constroem vínculos afetivos rapidamente, e da mesma forma quebram estes vínculos instantaneamente. Há pouca ou até mesmo é inexistente a tolerância a conflitos; as relações são pautadas em imediatismo, o pensamento que permeiam a subjetividade contemporânea é que nada dura pra sempre. A descartabilidade e fracasso dos relacionamentos hodiernos estão relacionados à supervalorização da quantidade destes em detrimento à qualidade, e a valorização externa sobrepõe-se ao individual (SCHMITT; IMBELLONI, 2011). Ao sujeito, não lhe é permitido ter sentimentos considerados negativos, como a tristeza, uma vez que não está preparado para lidar com elas e não tolera as frustrações (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

Dentro das relações afetivas, o amor torna-se líquido, sendo transformado em mais um dispositivo e objeto de consumo, e quanto menos afetividade for empregada ao "amor", mais este fará parte do ciclo em que será buscado, consumido, e descartado, numa busca de preencher um vazio existencial (DE CAMARGO et al., 2009).

As experiências amorosas alocadas na cultura contemporânea embasada no capitalismo estão sendo reduzidas a trocas afetivas constantemente vazias, onde o sujeito se relaciona de forma irresponsável sem respeito à dignidade alheia, uma vez que os sujeitos não conseguem reconhecer o outro (BITTENCOURT, 2013), e talvez, nem a si mesmos.

Conforme afirma Bittencourt (2013), o amadurecimento dos sujeitos envolvidos em um relacionamento afetivo é fator crucial para ajudar no enfrentamento e resolução de crises interpessoais que podem advir em uma relação. Entretanto, os jovens da atualidade têm sido educados de maneira falha, centrados na satisfação

dos prazeres, o que gera a falta de reconhecimento próprio, insegurança afetiva e dificuldade em elaborar um significado para empenhar-se em constituir relações amorosas.

O amor, conforme declara Bittencourt (2013, p. 03) "se configura como uma experiência existencial e ética pautada pela compreensão, pelo respeito, pelo cuidado, pelo carinho, pelo acolhimento integral do outro com qual nos relacionamos afetivamente", e diante desta concepção, o autor frisa que na contemporaneidade as relações interpessoais afetivas vêm sendo subsidiadas pelo modo de funcionamento mercantil, o que tem contribuído para o deterioramento desta concepção de amor, e ainda adverte que o amor foi posto ao nível de meio e não um fim superior na existência humana.

O amor genuíno nasce da competência em entender a parte mais íntima (a essência) do outro, tornando assim uma experiência que prioriza a comunicação de afetos em uma relação interpessoal (BITTENCOURT, 2013). O "amar" em uma relação amorosa, conforme Bauman (1998, apud Smeha e Oliveira, 2013) descreve, torna-se uma ação perigosa, visto que não se pode prever o resultado; e diante desta insegurança, as pessoas não se entregam totalmente ao sentimento por medo de serem usadas, ou pelo fato de não quererem modificar algumas atitudes. O medo que se instaura é o de investir em um relacionamento, entregar-se ao sentimento, e depois ser excluído.

Em uma sociedade embasada no sistema consumista em que o sujeito inscreve sua existência em consumir e existir, amar genuinamente uma pessoa torna-se espantoso, já que vez que o sujeito não estará reproduzindo a lógica do sistema capitalista de usar-trocar/descartar (BITTENCOURT, 2013). Entretanto, paradoxalmente o temor de amar, é-se cobiçado a vivenciar um amor genuíno, mas este também é um desejo ambivalente, na medida em que é almejado, mas é temido, não sendo empregados esforços necessários para alcançá-lo.

Conforme aponta Smeha e Oliveira (2013), para compreender as transformações que ocorrem dentro das relações interpessoais faz-se necessário considerar as transformações sociais que trouxeram novas atribuições e características à família contemporânea, dentre elas a perda do valor de coletividade e acensão do individualismo.

A superficialidade dentro do âmbito de estabelecer relações conjugais pode ser vista na dificuldade em fazer com que estas relações perdurem por longos

períodos, pois estas relações demandam a busca de uma unidade com o par de maneira intensa e exigente, e paradoxalmente a esta fusão o indivíduo se é instigado a possuir uma autossuficiência, o que se torna um grande desafio dentro dos relacionamentos atuais (SMEHA; OLIVEIRA, 2013).

Por mais que as relações sejam marcadas pela brevidade na contemporaneidade, há relacionamentos que se firmam, contudo, os autores Vieira e Stengel (2010) apontam para a possibilidade de que dentro destas relações os indivíduos lamentem pela não possibilidade de vivenciar outros relacionamentos e sintam-se presos dentro da rotina do relacionamento. As uniões entre casais são constituídas na promessa de permanência do vínculo afetivo, entretanto, semelhante a um contrato, a relação, apesar de ter sido fundamentada nesta promessa, pode ser rompida a qualquer momento, bastando uma das partes revelar a sua insatisfação e o desejo de prosseguir a vida longe daquele que outrora fora o objeto de amor (VIEIRA; STENGEL, 2010). Dentro dos relacionamentos a fidelidade torna-se cada vez mais em desuso, embora apresente-se no discurso como requisito essencial para estabelecimento de uma relação conjugal (VIEIRA; STENGEL, 2010).

O modelo cultural da atualidade instiga o narcisismo, pois este modelo constrói-se em uma realidade exterior que tem sido cada vez menos estável e mais efêmera, o que tem acarretado no aparecimento de medo (ZANETTI; GOMES, 2011). Este medo tem surgido no imaginário dos indivíduos que constantemente vivem suas vidas temendo um rompimento, o que enfraquece os mecanismos psicológicos para lidar com tais medos de maneira real, e aqui surge uma necessidade de recorrer-se a criação de ilusões para não lidar diretamente com a realidade (ZANETTI; GOMES, 2011).

A realidade psíquica do sujeito contemporâneo está correlacionada a sociedade presente, e, portanto, não há como compreender o indivíduo e seu sofrimento sem situa-lo em seu contexto histórico. Como já pontuado, este contexto histórico atual tem levado através de seus moldes econômicos à formação de uma sociedade de indivíduos narcisistas que buscam constantemente a exaltação de si, desconsiderando seus pares, e hedonistas, numa busca por desfrutar de prazeres, desconsiderando a realidade. O sujeito narcisista e/ou hedonista tende a ser apático em relação ao outro, não constituindo de fato relações afetivas e duradouras; as suas relações sociais são caracterizadas pela brevidade e superficialidade (LINO, 2009). A supervalorização do eu é o pilar base de todo funcionamento narcisista, e

dentro das relações amorosas, implica no sujeito o desejo de ser desejado e amado, mas não se permite corresponder a este sentimento (BITTENCOURT, 2013).

A lógica capitalista é fazer com que o sujeito consiga desfrutar prazeres pessoais não concedendo importância à natureza da relação afetiva e seu valor: o outro é apenas um agente que pode proporcionar prazer sexual momentâneo, denotando assim sujeitos engrenados em uma energia sexual puramente narcísica (BITTENCOURT, 2013).

As mudanças sociais voltadas à questão do gênero também têm grande influência, na medida em que proporcionaram a mulher conquistar independência, não sendo mais necessário o casamento para assegurar a sobrevivência. Diante da liberdade e independência de ambos os sexos, Freire et al. (2010) destaca que, para a durabilidade dos relacionamentos na atualidade, é necessário que haja uma contínua conquista, e no cenário contemporâneo onde tudo é facilmente trocado, o interesse em manter essa conquista parece algo trabalhoso, de modo que poderia ser facilmente substituído pelo interesse em conquistar novas pessoas, e, como consequência deste movimento, a maioria das relações são passageiras, e o sujeito não quer dar-se ao trabalho em investir energias no amor ao outro.

Dentro destes amores voláteis não há apego, apenas a preocupação em viver o "amor" até o momento em que este se tornar desgastante e enjoativo. Bittencourt (2013) afirma que quando há amor em uma relação o sujeito está disposto a encarar a realidade e manter o relacionamento mesmo diante uma convivência cotidiana. Esta visão não visa afirmar que as relações interpessoais amorosas sejam infundáveis (enquanto se há vida), mas que sejam intensas e que proporcionem aos sujeitos reconhecer e afirmar as qualidades de ambos (Bittencourt, 2013).

A construção do amor líquido se baseia na “busca de satisfação com o outro e o divertimento sem fronteiras, cujo objetivo seria aproveitar o tempo presente” (SMEHA; OLIVEIRA, 2013, p. 41). Bittencourt (2013), para tecer uma compreensão do amor líquido utiliza-se do mito de Don Juan, um homem dotado de beleza e sedução que busca em diversos relacionamentos casuais satisfação sexual e felicidade própria. Contudo, essa busca de Don Juan denota sua tristeza e carência, os relacionamentos conquistados são na verdade uma busca pela sua própria interioridade mas não o permitem compreender a tonificação de sua existência. A sua existência medíocre se dá pela insuficiência deste em experienciar o amor como afeto de relação interpessoal e expressão de alteridade. Lévy (2007 apud Bittencourt

2013, p. 35) sobre este movimento de utilizar-se de relacionamentos (breves) como meio de aplacar carências internas afirma: "Quem não se ama usa os outros para preencher as próprias deficiências."

A liberdade se sobrepõe a qualquer sentimento nos relacionamentos, e diante desta liberdade há a qualquer momento o risco de ruptura, pois o estabelecimento da relação não visa o longo prazo, mas o foco está no presente (GUEDES, 2005). Priorizando viver o momento, pensamentos acerca da construção de vida e do futuro tornam-se irrelevantes, uma vez que estas ideias poderiam atrapalhar o sujeito em seu individualismo e liberdade. Contudo, esta liberdade pode ser entendida, conforme aponta Bittar (2007, p. 595), negativamente:

Ademais, quanto maior a sensação de liberdade e de afrouxamento dos laços sociais, maior a sensação de mal-estar na pós-modernidade, ou seja, de insegurança, de indeterminação, especialmente considerada a fragilidade na qual está posta a condição de exercício da liberdade. No entanto, num determinado momento, torna-se insuportável que nada fique e que tudo passe. O indivíduo entra em crise, pois não se vê.

As relações tornam-se cercadas pela incerteza. Os indivíduos, diante da vivência de relações superficiais e frágeis, passam a constituir relações pautadas pelo medo e não conseguem vivenciar relacionamentos profundos, sempre atuando na defensiva e de forma precavida, temendo serem novamente abandonados (FREIRE et al., 2010). Por isso, acerca do ato de amar na contemporaneidade Bittencourt (2013, p. 34) alerta:

[...] amar se caracteriza sempre como um ato arriscado, perigoso, pois não conhecemos de antemão o resultado final das nossas experiências afetivas: só é possível nos preocuparmos com as consequências que podemos prever, e somente delas que podemos lutar para escapar.

É válido mencionar que as relações amorosas marcadas pela insegurança, conforme aponta Guedes (2005, p. 354), resultam em "ansiedade, superficialidade e a brevidade dos relacionamentos surgem como mecanismos de defesa empregados na relação com a alteridade".

O medo de se entregar e envolver-se nas relações promove a descartabilidade das mesmas, mas o indivíduo ainda fica na busca pelo afeto e pela almejada felicidade. A ideia da construção de um amor eterno ainda paira na sociedade moderna, mas soa como algo distante, na medida em que é almejado, mas não se emprega esforços para buscá-lo (FREIRE et al., 2010).

Contudo, neste contexto de descartabilidade há também sondando a existência humana o medo e a solidão. O indivíduo busca relacionar-se para não

enfrentar o temor da solidão; entretanto, o relacionar-se aqui fica na esfera superficial, não se referindo à busca de estabilidade, mas a uma busca frenética por vivenciar todas as emoções ao dispor possíveis e evitar a solidão (FREIRE et al., 2010). A instabilidade nas relações é resultante do ambivalente desejo de estar acompanhado, mas ao mesmo tempo não querer firmar relacionamentos duradouros (GUEDES, 2005).

Visando burlar qualquer tipo de sofrimento psíquico, o indivíduo no mundo contemporâneo prioriza o “imediatismo” para vir suprimir seus desejos. Este fator se deve as facilidades proporcionadas pelas tecnologias, que foram criadas em seu início com intuito de facilitar a vida do indivíduo, porém esta facilidade almejada tomou proporções não somente na vida trabalhista, mas alcançou as relações sociais. O indivíduo busca suprir o seu desejo de maneira imediata. As tecnologias proporcionam tal faceta e suas relações podem ser constituídas pelo imediatismo, a exemplo as relações constituídas através dos meios tecnológicos e redes sociais. Contudo, estas relações que foram constituídas neste meio, intermediadas pelo imediatismo são caracterizadas pela instabilidade e volubilidade (LEITE et al. 2016).

As relações interpessoais da sociedade moderna tem se consistido de forma fragmentada. Não se há mais a comunicação e o conhecimento oral acerca da nossa história universal, e aquilo que se têm dela por vezes permanece em livros. As informações na atualidade são repassadas através da escrita, imagem, e os diversos dispositivos que a tecnologia proporcionou. Estes meios permitiram a multiplicação dos contatos, porém, como aponta Lévi-Strauss (2012) estes contatos têm se dado de maneira inautêntica.

4.1.5 A família na contemporaneidade

Conforme aponta Smeha e Oliveira (2013), para compreender as transformações que ocorrem dentro das relações interpessoais, faz-se necessário considerar as transformações sociais que trouxeram novas atribuições e características à família contemporânea, dentre elas a perda do valor de coletividade e a instauração do individualismo.

A família serve de base e apoio para os indivíduos e nela são constituídas as formas de relações que se estenderão nas relações sociais posteriores. Ela é um mecanismo de constituir laços pelo qual a humanidade utiliza desde os tempos primitivos e ajudou na construção da sociedade. O amparo afetivo é um elemento de suma importância para a construção da subjetividade e demarcação entre alteridade (CANIATO, 2016). Sendo assim, a família é a primeira instituição ao qual o indivíduo é inserido, e sua visão de mundo vai sendo construída a partir das interações e amparo afetivo que vivencia neste ambiente. É uma instituição de suma importância para o aprendizado social, sendo que o indivíduo irá reproduzir nas demais instituições sociais características que aprendeu e vivenciou dentro das suas relações familiares (BURD, 2015).

Pode-se considerar a família como uma instituição social criada pelo homem para poder melhorar a convivência em grupo/sociedade. É uma instituição milenar que, do mesmo modo que fora criada para propiciar uma vivência em grupo, também ganha características deste grupo. Neste sentido, percebe-se que a família surgiu para atender as necessidades de conviver em sociedade, mas também estrutura-se nessa, evidenciando assim que a família é uma instituição que fundamenta as sociedades, e que se estrutura a partir das necessidades do cenário sócio/histórico/cultural.

A autora Roudinesco, (2003) ao se referir à evolução da família, divide-a em três importantes fases. A primeira fase citada refere-se à família considerada "tradicional", onde os matrimônios eram providenciados pelos pais, formados visando à transmissão do patrimônio familiar desconsiderando os afetos dos sujeitos, mas denotando a presença de uma sociedade cuja a autoridade patriarcal estava acima da individualidade e sentimentos dos sujeitos. Na segunda fase, entre os séculos XVIII e XX, a família é intitulada de "moderna", baseada na lógica afetiva e no amor romântico, onde é possível estabelecer uniões matrimoniais embasadas na reciprocidade de sentimentos. Nesta organização familiar é possível ver a divisão de papéis na criação dos filhos, e o Estado atribuindo para si à função de educar. E na terceira fase, a partir de 1960, tem-se a família "contemporânea" ou "pós-moderna", onde as uniões matrimoniais se caracterizam pela duração relativa, e os sujeitos buscam unir-se para desfrutar de relações íntimas e sexuais. Entretanto, nesta família contemporânea surge a problemática de que a transmissão de

autoridade torna-se cada vez mais frágil e em desuso em meio à volatilidade (separação, divórcio, recomposições) das relações conjugais.

Uma das principais mudanças ocorridas dentro da família é a descensão do patriarcalismo (existente desde os primórdios da civilização e que fora perpetuado ao longo dos milênios), onde a figura do homem dentro do lar detinha extrema autoridade sobre a mulher e os filhos. A queda deste sistema patriarcal pode ser relacionada, segundo Machado (2005), à inserção da mulher no mercado de trabalho, devido: as novas demandas mercantis advindas da globalização; aos avanços na ciência que permitiram o controle da reprodução humana; e aos movimentos feministas, que, visando a eliminação das formas de opressão e desigualdade, lutaram pela valorização da mulher frente ao mundo e a possibilidade desta constituir uma nova identidade feminina.

Dentre os fatores que contribuíram para a formação da roupagem da nova família contemporânea, Negreiros e Féres-Carneiro (2004) destacam que no modelo patriarcal o homem era responsável por garantir através do trabalho o sustento para assegurar sobrevivência, e com os novos modelos econômicos este "poder" anteriormente cabível somente a figura masculina entra em contradição e cai em desuso, visto que a mulher agora também é possibilitada de ajudar, e em certos casos, prover o sustento do lar.

Na década de 70, a cultura jovem brasileira fora bombardeada pela revolução sexual que propiciou maior liberdade sexual e pelo consumo de drogas, onde os jovens estavam focados na busca pelo prazer que agora desfrutado, o que levou a família brasileira reformular os padrões morais ligados à autoridade e sexualidade (ZANETTI; GOMES, 2009).

No cenário brasileiro, a partir da Constituição Federal de 1988 fora decretado o direito a igualdade entre homem e mulher e regulamentada novas concepções de família, englobando no conceito uniões afetivas e/ou consanguíneas, por meio das quais os sujeitos tinham o objetivo de constituir família, podendo ter ou não filhos, a partir de união resultante de laços afetivos (NASCIMENTO, 2015).

A família brasileira adotou para si uma ideologia individualista, pautada na atribuição da valorização à individualidade, a liberdade e a igualdade nas relações pessoais (ZANETTI; GOMES, 2009). Pode-se atribuir ao movimento feminista a partir de 1960 às lutas pela igualdade entre os gêneros e pela liberdade e redefinição do papel da mulher em meio à sociedade, por meio do qual foram

discutidas as formas de discriminação social existentes. Este movimento gerou significativas mudanças no funcionamento da família, e promoveu os ideais de igualdade entre o homem e a mulher dentro das relações conjugais.

Contudo, o individualismo dentro das relações familiares é apontado por Machado (2005) como sendo fator contribuinte para a diminuição da confiança entre os membros da família, pois esta "passa a ser um mero espaço de comunicação, sendo que a informação é mais valorizada do que a formação" (MACHADO, 2005, p. 319).

Acerca das dinâmicas familiares, Fonseca (2004) menciona que as pesquisas antropológicas referentes às últimas décadas do século vinte mostraram que na era pós moderna havia uma grande variedade de dinâmicas familiares, sendo que a familiar nuclear composta por casal heterossexual com filhos biológicos estava dando lugar às novas configurações familiares, de maneira a respeitar as novas configurações, não sobrepondo um modelo ao outro e muito menos categorizando-as em classificações de família ideal. Tendo em vista essa gama de novas possibilidades de vínculos familiares, a autora postula que há pesquisadores que tomam como característica da família pós-moderna a própria falta de um modelo pré-estabelecido. Apesar desta impossibilidade na família pós-moderna em padronizar os arranjos familiares, as relações familiares continuam exercendo o papel de subsidiar as relações humanas.

Não há uma definição estática daquilo que pode ser considerado família, mas este conceito engloba as relações cujo o objetivo é de troca de afeto entre os pares (BURD, 2015). Entretanto, as famílias contemporâneas vêm passando por transformações atreladas às transformações tecnológicas e sociais e sendo afetadas de forma negativa, o que tem culminado em problemas familiares, cuja resolução não é instigada a ser buscada, ou refletida. Deste modo, os problemas vão se tornando parte das relações entre as famílias, e, perpassando este cenário, chegam aos conflitos de relacionamento interpessoais.

Conforme destaca Fernandes (2017), a sociedade e a família tendem a agir de forma complementar e ambas são afetadas pelos efeitos negativos de instituições adversas, funcionando assim como uma cadeia na qual as instituições maiores vão transmitindo as instituições hierárquicas menores os problemas até o efeito chegar a instituição familiar e no âmbito individual, afetando os indivíduos. Para complementar, Fernandes (2017, p. 254) ainda aponta:

Como pano de fundo, poderá dizer-se que o mal-estar das sociedades tem a ver com o ambiente cultural e os universos valorativos e normativos que orientam a vida das pessoas. Entrou-se na era da ambivalência, da incerteza e do risco.

A família é uma instituição que adquire características que dependem do momento histórico e cultural que o indivíduo está vivendo. Na atualidade, a sociedade vem passando por diversas transformações que ocorrem em um curto espaço de tempo, e isto também afeta os modelos de família, contudo estas transformações e avanços, a exemplo os avanços tecnológicos, jamais suprirão as necessidades de afeto do indivíduo, cuja a família é encarregada de transmitir. Burd (2015, p. 27) assinala: “a família permanece com a mesma função básica de preservar a integridade física e emocional de seus membros.”.

As relações conjugais e familiares são alocadas como parte de um objetivo a ser alcançado pelo sujeito, mas o foco ainda está em sua individualidade (LINO, 2009). A ética amorosa na contemporaneidade pode ser caracterizada pela perda do amor em que os indivíduos buscam reinventar os signos da relação para que o amor renasça constantemente. O amor na era capitalista não possui esta maleabilidade em renovar os signos amorosos, e semelhante ao descarte dos objetos, quando uma relação começa a apresentar monotomia, torna-se praxe descartar os relacionamentos (BITTENCOURT, 2013).

Os indivíduos buscam no casamento uma união que pode ser de longa duração ou não para satisfazer a busca por relações íntimas, e isto tem descaracteriza o valor simbólico do casamento empregado outrora, tornando-se este mais um modo de união que visa proteger os cônjuges das adversidades do mundo. No que tange aos filhos, estes também surgem de relações não duradouras, presenciando vários relacionamentos dos pais. Pode-se situar as relações familiares na contemporaneidade marcadas pela fragilidade, e cientes desta desordem (ZANETTI; GOMES, 2011).

A família, conforme cita Lino (2009), é a instituição que através do seu papel de educadora é responsável por transmitir aos membros valores, regras de convivências sociais, e a estabelecer e fortalecer laços afetivos entre estes os membros. Entretanto, no cenário contemporâneo onde a família não tem se empenhado em constituir laços entre seus membros - laços que por vezes são inexistentes -, como estes sujeitos conseguirão em suas relações interpessoais constituir afeto se não fora recebido no lar?

Na sociedade atual, segundo observou Marcuse (1972, apud Burd, 2015), em seu estudo das sociedades capitalistas, pertinentes ao cenário contemporâneo, há uma descentralização das funções da família. Para Bittar (2007), a privatização de funções que antes eram executadas no âmbito familiar e agora são delegadas para a vida pública se caracterizam como a marca da modernidade. Isto tem acarretado numa desocupação dos membros da família, e as atividades são postas para a vida pública. Os papéis que anteriormente eram cabíveis apenas à família passaram a ser distribuídos para instituições como escolas, centros religiosos, e até meios de comunicação. Dentro desta descentralização de papéis cabe tecer reflexões: Será que de fato estas funções estão sendo executadas de maneira eficaz como seriam se fossem dadas no âmbito familiar? Essa descentralização de papéis poderia diminuir os laços de afetividades entre os membros da família? As respostas tanto podem ser observadas dentro da dinâmica e dos problemas vivenciados nas famílias, quanto na esfera das relações interpessoais que os indivíduos estabelecem.

Com mudanças ocorridas no cenário social alguns papéis foram “redistribuídos” e algumas instituições, inclusive instituições do Estado, intervieram em funções como de agente repressor, que antes era cabível à família executar. Entretanto, executar funções em grupos talvez não atinja o mesmo sucesso de uma função que antes era exercida numa escala individual entre a família e seus membros. Assim, a família é isentada de algumas funções, mas cabe questionar se estas funções estão sendo bem aplicadas, a fim de garantir o bem-estar e respeito as regras de convivência social (BURD, 2015).

As famílias vêm sendo modificadas por diversas instituições sociais, e estas modificações acabam por deixar questionáveis as funções de cada membro da família. A função de reguladora não funciona, e o que impera é uma incontrolável explosão de atitudes advindas de uma liberdade ao qual os indivíduos não estão preparados para desfrutar. O autor Osório (2011, p.477) menciona os principais desafios encontrados na prática clínica em atendimentos às famílias:

Estou me referindo especificamente a algumas famílias que nos procuram hoje e nas quais percebemos claramente que a falta de hierarquia, a falta de limites, a aparente “desrepressão” da sexualidade (onde tudo é permitido) apreendida e aprendida através da “família”, como antes explicado (órgãos de imprensa, filmes, novelas), criam situações inusitadas e, às vezes,... de horror!

Na contemporaneidade, com o afrouxamento da imposição de leis pela família (pode-se relacionar isto a redistribuição de funções do cuidado e educação para outras instituições) a liberdade conquistada não é usufruída com reflexão e consciência, mas torna-se um dispositivo de frenesi. Diante da liberdade imoderada, as relações sexuais surgem como dispositivo desta e se mostram como mais uma mercadoria a ser ostentada, bloqueando um contato afetivo genuíno, permanecendo no plano superficial (BURD, 2015).

As famílias de outrora tradicionalmente transmitiam valores de geração em geração, enfatizando a importância de uma história passada, e dentre os valores a família a união familiar era incabível de solubilidade, diferente do cenário familiar contemporâneo, onde o foco das relações sociais está no presente desconsiderando o passado e sendo passível de ser dissolvida (MACHADO, 2005). Se nas famílias anteriores os valores eram transmitidos de geração a geração - o que permitia os anciãos possuírem lugar de sabedoria e admiração -, na família pós-moderna este cenário tem se invertido, pois, na contemporaneidade, onde tudo muda em curto período de tempo, o idoso perde este lugar de sábio, e a tendência é que os mais velhos se espelhem e imitem nas formas de se vestir, relacionar e etc. das novas gerações.

Não é somente o ambiente familiar o determinante para este afrouxamento das restrições na subjetividade. Se nos atentarmos para o âmbito macrocósmico, a economia também pode ser constatada como um setor que tem o poder de influenciar diretamente as relações interpessoais e provocou significativas mudanças que ocorreram nas relações indivíduo/família e indivíduo/indivíduo. Este setor que visa o acúmulo de capitais, desconsiderando por vezes a qualidade das relações interpessoais e objetais, viu na família mais uma mantenedora deste sistema de comprar, descartar e comprar: “Certas necessidades da economia capitalista provocaram modificações na família. A família se tornou uma unidade de consumo.” (BURD, 2015 p. 35). Isto faz com que algumas famílias não prezem pelas relações, mas pelas trocas de mercadorias a fim de preencher e substituir afeto.

Como já dito, os indivíduos em suas singularidades são afetados e moldados pelo sistema social ao qual estão inseridos. As relações acabam por ganhar o mesmo valor que as “coisas compráveis” possuem: tudo é muito volátil, e o indivíduo engrena numa busca frenética e incessante por adquirir sempre mais, para

preencher algo. Os relacionamentos tornam-se descartáveis, assim como objetos, pois não satisfazem os indivíduos. Burd (2015 p. 40) postula:

Vivemos em uma sociedade onde tudo se processa em um ritmo rápido e alucinante, com ênfase no visual e sonoro, e onde o *habitas* silencioso é um fato do passado. A cultura do descartável, impulsionada pela máxima do consumismo, passa a ser um modelo que também influenciará os relacionamentos.

Os compromissos da família contemporânea constituem-se em promover sustento e cuidados, propiciando assim a criação de sujeitos individualistas, modelo este que pode ser entendido como reflexo de uma sociedade que não visa o olhar e compromisso com o semelhante (ZANETTI; GOMES, 2011).

Os meios de comunicação midiáticos presentes nos lares alcançam a todos sem distinção de idade. Com isso, temos as crianças, que são levadas a crer através da mídia que estão em patamar de igualdade na sociedade, e por trás desta ideia de igualdade vem uma mensagem de que estas podem ser potenciais lucrativas consumidoras (ZANETTI; GOMES, 2011). Nesta posição encontram-se crianças que são levadas a sentirem-se empoderadas para ocuparem o mesmo lugar da vida adulta, adotando uma visão de que faz-se desnecessária a autoridade dos pais sobre a vida das mesmas. Acerca da educação, Zanetti e GOMES (2011, p. 500) orientam que deve-se:

“[...] proporcionar uma educação não rígida, que dê maior espaço para a participação da criança na família, promovendo formas de relações mais compreensivas e próximas da mesma, ao mesmo tempo em que reconheçam que a criança em idade precoce precisa ser orientada, em termos de limites, e respeitada dentro de suas possibilidades e capacidades características.” (ZANETTI; GOMES, 2011, p.500).

Os pais, engrenados no sistema que instiga o acúmulo de bens com a promessa de felicidade, se veem cada vez mais distantes das relações com os filhos, que acabam tendo mais tempo em outras atividades e com outras pessoas do que com os próprios pais. Estes se sentem “culpados” por não conseguirem dar coisas que preencham os filhos, e diante desta culpa as relações entre pais e filhos torna-se fragilizada, uma vez que os pais sentem-se em dívida e não conseguem estabelecer limites e impor responsabilidades aos filhos (ZANETTI; GOMES, 2011).

Nas relações entre pais e filhos na contemporaneidade, Zanetti e Gomes (2011) apontam que houve o surgimento de uma fragilização, em que pode ser observada dificuldades dos pais em assumir responsabilidades e emprega-las na educação transmitida aos filhos, não havendo o exercício de uma autoridade. O

autor Bittar (2007) situa a família contemporânea em uma crise que compromete a autonomia do sujeito, na qual a família tem contribuído para a formação de indivíduos que tenham um amadurecimento tardio, sem repertório para enfrentar os desafios da vida adulta, e com isso estes indivíduos não conseguem exercer sua autonomia no sentido de conseguir estabelecer diretrizes e ser responsável pela sua própria existência. No seio familiar estes sujeitos se deparam com um amparo psico-afetivo incompleto, a busca pela felicidade tão almejada torna-se frágil na medida em que a própria noção de felicidade faz-se confusa.

Diante desta cultura volátil que fomenta o medo e a impotência existencial, Bittencourt (2013, p. 14) ressalta que:

[...] a juventude tende a apegar-se a modalidades de gratificação primárias, encontrando dificuldade em amadurecer, em viver de fato no estado de autonomia existencial; pelo contrário, submetida ao fascínio da mídia espetacular, a juventude permanece presa ao âmbito imaginário, sem interação genuína com a realidade que não conhece bem e que constantemente a desilude e deprime.

Bittar (2007) aponta que as transformações ocorridas no cenário na vida moderna nos ramos de economia, urbanização, competitividade e exigências cada vez maiores do mercado de trabalho, trouxeram desafios a sociedade, e tais mudanças refletiram nas relações familiares. O autor aponta que a instituição familiar perde a sua força de olhar e reconhecer os indivíduos pertencentes ao grupo, e a valorização do olhar familiar é substituída pela valorização de olhares vindos de relações exteriores, e assim a identidade do sujeito se torna progressivamente menos aderente e mais líquida.

A família contemporânea está vivenciando um enfraquecimento de sua identidade e papel, e como ela é uma instituição de nível de socialização primordial e o indivíduo se configura a partir desta, em meio às crises enfrentadas pela família as consequências são refletidas com a desestruturação do indivíduo para com ele mesmo. A sociedade hodierna tem sido marcada pela vivência hedonista que apregoa uma falsa autorrealização, e a isto Bittar (2007, p. 608) aponta que “O prejuízo social é incomensurável, na medida em que os efeitos em cascata são sucessivos e ininterruptos.”.

A inconstância e o individualismo, conforme destaca Freire et al. (2010, p. 01), “são alguns valores comuns na sociedade contemporânea”. Por trás da valorização de tais características, tem-se uma conexão com os ideais consumistas, que perpassam o cenário mercantil e mediam as relações interpessoais.

O indivíduo almeja se tornar destaque dos grupos ao qual interage, incluindo nesta esfera, e destacar-se entre os seus pares familiares. Mas neste aspecto, o individualismo aparece sob uma ótica negativa, visto que o indivíduo se coloca em uma posição de que este é o exclusivo proprietário de si e assim a sua energia deve ser direcionada ao seu próprio sucesso (BITTAR, 2007). Este ideal individualista traz embutido na prática o desuso das noções de cooperação e solidariedade, pois desconsidera a coletividade, e assim a primeira instituição onde o indivíduo aplica este modelo individualista é dentro das relações familiares.

4.2 PAPEL DA PSICOLOGIA FRENTE À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Na contemporaneidade temos uma civilização a qual Bauman (2004, apud Lima, 2016) considera ser uma sociedade onde as relações individuais são mais instigadas, visto que a individualidade e o narcisismo servem como molas propulsoras do consumismo. Assim, reflexões acerca da família se faz necessárias em meio a esta sociedade moderna, na qual alguns indivíduos estão mais preocupados em consumir do que cuidar e preservar demonstrando afeto, uma vez que a família se constitui como uma das mais importantes e influenciadoras na constituição do sujeito, conforme aponta De Camargo et al. (2009, p. 12):

[...] o panorama da sociedade atual que estimula o isolamento social em detrimento do convívio e das relações face a face, a persecutoriedade em detrimento da sensação de segurança, o ter em detrimento do ser, a passividade e a submissão em detrimento da espontaneidade e da autonomia (amparada e protegida) traz novos desafios às ciências humanas, sociais e, em especial, à psicologia e à psicanálise, demandando medidas éticas urgentes de cuidado especial às famílias e/ou às mães.

Há uma supervalorização do acúmulo de capitais e o indivíduo é cobrado a ter sucesso e sobressair-se na vida. Este sucesso é frequentemente associado a aquisições, no sentido que o indivíduo é o que ele conquistou, e a individualização é marca característica da sociedade. Assim as relações familiares são afetadas por este ritmo, e observa-se famílias onde as crianças desde cedo são estimuladas a fazerem cursos e cada dia da semana possuem aulas diferentes, e assim observam-se novamente alguns dos papéis da família sendo delegados a outras instituições. Problemas podem surgir neste meio, onde as relações acabam sendo fragilizadas e os indivíduos não reconhecem os próprios familiares em suas individualidades e sentimentos, e neste sentido o papel da psicologia neste âmbito é o de promover dentro da família reflexões a cerca da convivência familiar (LIMA, 2016).

A família pós moderna precisa trazer os limites do espaço mediado por relações afetivas, capazes de propiciar aos seus membros o espaço mental necessário para o desenvolvimento do pensamento, a capacidade para delimitar fronteiras adequadas e a possibilidade de manter trocas afetivas que contenham as funções de ouvir, discernir e acompanhar, sem ceder à ansia de eliminar conflitos. (BURD, 2015 p. 41, 42)

A autora Lima (2016) ressalta que diversos problemas de relacionamento interpessoal podem surgir nas famílias cuja rotina tem se pautado mais na

individualização, e que para ajudar famílias que chegam até a clínica em busca de solução de problemas é necessário fazer com que estas sejam levadas a refletir suas práticas dentro do ambiente familiar, para assim desconstruir o distanciamento emocional. Diante disto, a Psicologia tem por papel promover no indivíduo a reflexão acerca da existência, reflexão sobre quais as origens dos problemas que tem afetado a família, respeitando a singularidade e história de cada família, mas tendo a visão de que esta está inserida na sociedade contemporânea e é influenciada por ela (BURD, 2015).

O ritmo da sociedade contemporânea tem estimulado o indivíduo a evitar lidar diretamente com problemas e angústias, o que ocasiona no sujeito uma carência de representações psíquicas e conseqüentemente as relações interpessoais possuem vínculos fragmentados e enfraquecidos. Este é o sujeito que chega à clínica contemporânea, sem fundamento simbólico para lidar com a vida, permeado de vazios existenciais, e por não compartilhar do simbólico, a transferência fica comprometida, de modo que se mostra como paciente de difícil engajamento no processo terapêutico genuíno. Diante deste homem contemporâneo e seus embates o terapeuta necessita proporcionar uma escuta sensível diante as situações trazidas e conseguir relacionar o psiquismo com o somático, pois conforme Santos (2014, p. 09) "as emoções repercutem no corpo e a dificuldade em falar sobre a dor sentida faz com que o analista os ajude a se alfabetizar emocionalmente."

Situando o sujeito na sociedade ao qual esta inserido, os desafios da Psicologia, conforme destaca De Camargo et al. (2009), estão em conseguir se adaptar para atender a demandas atuais que se renovam constantemente, levando em consideração o fato de que uma das mais recorrentes características da contemporaneidade é justamente a evitação e reflexão de experiências que possam ocasionar a frustração.

O autor Birman (2009) aponta que na pós-modernidade o funcionamento cultural tem instigado a inscrição de sujeitos narcisistas, sendo que a forma como o indivíduo se apresenta é o processo determinante para que este constitua seus laços sociais, de modo que a finalidade de sua existência participa da necessidade de inscrever-se em uma estetização de si mesmo. Este modelo contemporâneo, contudo, constrói no indivíduo um modelo de subjetividade que emudece possibilidades de reinvenção deste. Há uma supervalorização da imagem externa: o valor do sujeito lhe é imputado pelo que este aparenta ser, e o indivíduo se constitui

pelo viés alheio para assim torna-se objeto de admiração do outro. O resultado deste movimento é o aparecimento crescente de sujeitos que não se importam com o afeto, e com isso a alteridade se esvai, de modo que o outro se transforma apenas em um objeto de predação e gozo.

Neste movimento, é possível, à luz da Psicologia, pensar sobre as psicopatologias da contemporaneidade. O funcionamento da sociedade e do homem contemporâneo produziu uma nova forma de adoecimento: se por um lado há sujeitos narcisistas com funcionamento perverso que não consideram as relações afetivas, de outro tem-se sujeitos que não engrenam ou não obtém êxito em inscrever uma imagem valorativa, e não conseguem obter êxito numa narcisização desenfreada. A respeito disso, Birman (2009, p. 169) discorre:

“O que define a psicopatologia é o destaque conferido a quadros clínicos fundados sempre no fracasso da participação do sujeito na cultura do narcisismo.”.

Os sujeitos que não se inscrevem neste molde narcisista tendem a apresentar patologias tais como depressão, síndrome do pânico e toxicomanias. Na depressão e no pânico o indivíduo não consegue valorizar e deslumbrar sua existência, não tendo ânimo/êxito para adentrar no espetáculo existencial contemporâneo, e assim fora deste espetáculo, é considerado pelos valores desta cultura como um sujeito fracassado. A Psicologia, em especial os preceitos psicanalíticos para o enfretamento das psicopatologias contemporâneas advindas da exaltação narcísica, é posta em uma situação que contrapõe à cultura, visto que o seu foco de conduzir o sujeito a uma experienciação que consiste justamente em uma busca por ruptura do sujeito com seu eixo narcísico do eu, desfazendo esta exaltação narcísica.

É neste cenário que a Psicologia se lança em um terreno cada vez mais laborioso, pois para que ela funcione de fato é necessário romper com as amarras narcísicas do sujeito onde o gozo desenfreado e a predação do outro são soberanas, e assim conduzir o sujeito ao encontro do enigmático de seu desejo.

Atendo-se para o contexto da sociedade contemporânea, a Psicologia enquanto profissão se depara com exigências que adquirem o teor das relações exteriores: soluções rápidas, e que contemplem o imediatismo (BRITO; BESSET, 2016). Ao recorrer ao tratamento clínico na busca do aplacamento do sofrimento psíquico, o sujeito procura por uma possível "cura" já pronta, não levando em

consideração a sua própria subjetividade na construção e desconstrução do sofrimento (BRITO; BESSET, 2016).

Recorre-se na prática clínica ao seguinte questionamento: Como atender o sujeito que busca pelo alívio imediato? Se o sujeito está engrenado neste sistema de superficialidade e fluidez em suas relações, como fazer para que este movimento líquido não ocorra dentro do *setting*? Estes questionamentos não devem ser desconsiderados dentro da prática psicológica. Para Brito e Besset (2016) o importante é não desconsiderar este movimento e a busca do imediatismo, mas atender o sujeito acolhendo a suas angústias, e posteriormente trabalhar no sentido de estabelecer um vínculo terapêutico.

A complexidade das novas demandas da clínica é compreender empaticamente o sujeito e conforme aponta Santos (2014, p. 10):

[...] libertar esse homem fragilizado e impotente afetivamente, passando a compreender suas necessidades, entender sua dor, traduzir sua angústia por sua finitude e por não ser dono de suas emoções, através de uma escuta analítica sensível que possibilite a maior presença e atuação do analista diante das ansiedades, angústias e devaneios do paciente para enfim compreender a sua história de vida e junto com ele tentar transformá-la, cujo resultado será de uma vida mais significativa e um cuidado melhor consigo mesmo.

O psicólogo deve ser desprendido de posturas rígidas e adotar uma conduta acolhedora, compreendendo, mostrando e traduzindo as necessidades do paciente, pois na psicoterapia é possível que o sujeito através do reconhecimento do outro (neste caso o psicólogo) consiga reconhecer estabelecer um contato consigo, transformando seu corpo numa instância relacional e não mais em uma via de somatização (SANTOS, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como o indivíduo se relaciona está atrelada ao momento histórico-cultural em que está vivendo. Comparando a sociedade atual com as sociedades de outras épocas é evidente que não há sociedade isenta de problemas de ordem relacional. Todavia, no passado havia uma sociedade patriarcal na qual as relações interpessoais obedeciam a uma hierarquia, a figura feminina era pomenorizada e destinada a funções específicas, os afetos sexuais deveriam ser reprimidos, a religião comandava a esfera privada, e tinha-se uma geração onde grande parte dos adoecimentos psicossomáticos se dava por conta de afetos reprimidos.

Após as gerações passadas sofrerem com estes modelos familiares patriarcais, anos de lutas pelo estabelecimento de igualdade entre os sexos surgiram, e, como fruto disto, a contemporaneidade tem mostrado elevada conquista no âmbito da igualdade entre os sexos em relação às gerações passadas.

A cultura do consumo não teve seu surgimento na contemporaneidade, relacionada à própria garantia de sobrevivência humana, contudo, é nela que o consumismo alcançou o apogeu, saindo do campo mercantil e influenciando nas esferas sociais relacionais (MAROUN; VIEIRA, 2008). A esfera econômica tomou grande proporção de influência sobre a vida do sujeito, que se vê atualmente bombardeado de informações e produtos que surgem rapidamente com a promessa de proporcionar felicidade; rapidamente surgem novos produtos com a mesma promessa, e os antigos são substituídos. Contudo, esta sociedade que busca a felicidade em exterioridades se esquece de levar em consideração a si mesmo, a importância das interações familiares e sociais. Este modelo traz embutido a ideia de que a felicidade pode ser comprada, e que ao indivíduo basta ter poder aquisitivo, o que leva à geração presente priorizar a si mesma, a sua carreira profissional, o seu destaque em relação aos pares, aumentando a competitividade e pondo em desuso a noção de coletivo. Infelizmente esse modelo perpassa o âmbito econômico e afeta diretamente, ainda que implícito, as relações dentro da família.

A individualização é exaltada e os indivíduos cada vez mais engrenam numa busca hedonista em vivenciar prazeres, estes por vezes relacionados ao desfrute de bens consumíveis. Nesta busca, o sujeito põe-se em primeiro lugar desconsiderando o outro e colocando no centro de si a todo momento. As relações são intermediadas

apenas pela busca do prazer momentâneo e o sexo se torna cada vez mais instrumentalizado. Dentro das famílias, os sujeitos não se reconhecem como pares fortalecedores de vínculos e se perde o companheirismo e amor coletivo, de modo que e dentro da família os sujeitos não se reconhecem como “nós”. Os pais estão postos a uma vida compromissada com o trabalho e suas próprias prioridades, e com isso os cuidados com os filhos são postos para outras esferas, contribuindo com que os sujeitos cresçam sem tolerância a limites. O corpo se torna um espetáculo rebaixado ao nível de mera mercadoria que precisa ser valorizada e reconhecida socialmente.

Frente a este cenário contemporâneo, há cada vez mais o enfraquecimento das relações, onde os laços afetivos são estabelecidos sem profundidade, visando um ganho secundário. Este movimento contemporâneo é afetado por uma série de distorções e contradições. O próprio indivíduo denota estar desconectado de si mesmo, não dando abertura de espaço e reflexão sobre a sua existência, e conseqüentemente, como não consegue romper as rupturas dentro de si, não conseguirá entrar em contato com outro.

Este modelo contribui para o surgimento de sofrimento psíquico, e em alguns casos os sujeitos procuram os consultórios de Psicologia com uma queixa, a qual eles mesmos não sabem nomear exatamente. O psicólogo deve levar em consideração os moldes de funcionamento da sociedade, alocando o sujeito nesta, e provocar reflexão no sujeito sobre o seu modo de existir. De modo geral, parece ser uma solução reducionista propor soluções apenas no âmbito individual, o que se têm são fórmulas para ajudar o sujeito a lidar com as angústias contemporâneas. Contudo, não devemos deixar de pensar e procurar medidas que façam com que a sociedade no geral reflita sobre a cultura, sobre si mesma e consigam a tempo gerar mudanças para que a sociedade não caminhe ao colapso e enfraquecimento das relações. Não se trata de almejar um retorno do antigo fundamento de uma sociedade sólida, mas de encontrar meios de pensar a contemporaneidade e os relacionamentos que nela têm vez, de modo a circunscrever os novos desafios que se colocam a Psicologia.

REFERÊNCIAS

APPIO, Alexandre João. O entorpecimento consentido. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 6, n. 3, p. 185-200, 2014. Disponível em: <<https://www.uninter.com/revistasauade/index.php/sauadeDesenvolvimento/article/view/320>>. Acesso em: 08 dezembro 2017.

BARROS DANTAS, Jurema. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 11, n. 3, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4518/451844636010/>>. Acesso em: 23 outubro 2018.

BARTH, Wilmar Luiz. O homem pós-moderno, religião e ética. **Teocomunicação**, v. 37, n. 155, p. 89-108, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1775/1308?>>. Acesso em: 08 dezembro 2017.

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 7ª. **Edição. Rj. Civilização Brasileira**, 2009.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Família, sociedade e educação: um ensaio sobre individualismo, amor líquido e cultura pós-moderna. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, v. 102, p. 591-610, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/rfdusp/article/view/67771/70379>>. Acesso: 17 setembro 2018.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Os dispositivos existenciais do consumismo. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 118, p. 103-113, 2010. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10182>>. Acesso em: 08 dezembro 2017.

BITTENCOURT, Renato Nunes. As contingências do amor e a dissolução da alteridade amorosa no capitalismo afetivo. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 3, n. 6, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1846>>. Acesso em: 16 outubro 2018.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. **Psicologia sócio-histórica**, v. 3, p. 15-35, 2001.

BRITO, Bruna Pinto Martins; BESSET, Vera Lopes. Amor e saber na experiência analítica. **Revista Subjetividades**, v. 8, n. 3, p. 681-703, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4882/3892>>. Acesso em: 08 outubro 2018.

BURD, Miriam. Novas configurações familiares: desafios e soluções para a Terapia Familiar com Pacientes Crônicos. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015. Acesso em: 11 setembro 2018

CAMINHA, Marina. A vida para o consumo: sujeitos como mercadoria. **Revista Contracampo**, n. 20, p. 205-213, 2009. Disponível em: < <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/12/27>>. Acesso em: 08 dezembro 2017.

CANIATO, Ángela. LA (DES) CONSTRUCCIÓN DE LAS IDENTIDADES Y DE LOS VÍNCULOS DE COOPERACIÓN EN LA CONTEMPORANEIDAD: ¿ ES POSIBLE LA RECUPERACIÓN DE LA CONSCIENCIA CRÍTICA?. **Integración Académica en Psicología**. 2016. Disponível em: < <http://integracion-academica.org/attachments/article/115/01%20Consciencia%20cr%C3%ADtica%20-%20ACaniato.pdf>>. Acesso em: 30 outubro 2018.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. Brasiliense, 2017.

DE CAMARGO, Ana Carla Silveiras Pompêo et al. Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. **Revista Psicologia-Teoria e Prática**, v. 11, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1654>>. Acesso em: 03 Outubro 2018.

FERNANDES, António Teixeira. Sociedade, família e escola. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 17, 2017. Disponível em: < <http://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/Sociologia/article/view/2352>>. Acesso em: 29 agosto 2018.

FERNANDES, António Teixeira. Níveis de confiança e sociedade de risco. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 12, 2017. Disponível em: <<http://pentaho.letras.up.pt/ojs/index.php/Sociologia/article/viewFile/2496/2285>>. Acesso em: 13 outubro 2018.

FONSECA, Claudia. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. **Pesquisando a família: Olhares contemporâneos**, p. 55-68, 2004. Disponível em: < https://claudialwfonseca.webnode.com.br/_files/200000044-9db6f9e355/Olhares%20antropol%C3%B3gicos%20sobre%20a%20fam%C3%ADlia%20contempor%C3%A2nea%2C%202002.pdf>. Acesso em 18 setembro 2018

FREIRE, Brena et al. Paixão, ciúme e traição: A “liquidez” das relações humanas no ciberespaço. **Retirado em**, v. 20, n. 02, p. 2014, 2010. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/aavv-paixao-ciume-e-traicao.pdf>>. Acesso em: 18 setembro 2018.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio de prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922). **Sigmund Freud. Além do Princípio do Prazer. Rio de Janeiro: Imago.(Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XVIII)**, 2006.

GUEDES, Cristiano. Sociabilidade e sociedade de risco: um estudo sobre relações na modernidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 15, n. 2, p. 353-358, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312005000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 Outubro 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

HOUAISS, Antônio; DE SALLES VILLAR, Mauro; DE MELLO FRANCO, Francisco Manoel. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Objetiva, 2003.

LEITE, Elen Lelis et al. A SUPERFICIALIDADE DAS RELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE, 2016 Disponível em: <http://www.congressods.com.br/anais/gt_05/A%20SUPERFICIALIDADE%20DAS%20RELACOES%20NA%20CONTEMPORANEIDADE.pdf>. Acesso em: 08 dezembro 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A antropologia diante dos problemas do mundo moderno. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

LIMA, Maria José. Viver em família na contemporaneidade. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 23, n. 49, p. 88-99, 2016. Disponível em: <<http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/68>>. Acesso em: 14 setembro 2018.

LINO, Michelle Villaça et al. A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares The contemporary and her impact in the family relations. **IGT na Rede**, v. 6, n. 10, 2009. Disponível em: <<https://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=240>>. Acesso em: 26 outubro 2018.

MACHADO, Hilka Vier. Reflexões sobre concepções de família e empresas familiares. **Psicologia em estudo**, v. 10, n. 2, p. 317-323, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v10n2/v10n2a19.pdf>>. Acesso em: 27 outubro 2018.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade/The body: a commodity in post-modernity/Cuerpo: una mercancía en la postmodernidad. **Psicologia em Revista**, v. 14, n. 2, p. 171-186, 2008. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/psicologiaemrevista/article/view/346>>. Acesso em: 22 outubro 2018.

NASCIMENTO, Maria do Rosario Pessoa. A família numa perspectiva histórica e legislativa. In: **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. 2015. p. 1869-1885. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/261>>. Acesso em: 27 outubro 2018.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 4, n. 1, p. 0-0, 2004. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004>. Acesso em: 27 outubro 2018.

NERY, Matheus Batalha Moreira; MENÊSES, Carla Adelle Santos; TORRES, Thallita Katiussia Santana. Um breve ensaio da psicologia acerca do comportamento consumista na sociedade atual. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, v. 1, n. 1, p. 53-62, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/164>>. Acesso em: 29 outubro 2018.

OSORIO, Carlos, L., VALLE, colaboradores, M.E.P.D. E. (04/2011). Manual de terapia familiar – V1. [Minha Biblioteca]. Retirado de <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536318271> Acesso em: 11 setembro 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Zahar, 2003.

SANTOS, Silvana. O papel do corpo na contemporaneidade, as novas patologias e a escuta analítica. **Psicologia & Saberes**, v. 3, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/233>>. Acesso em: 24 outubro 2018.

SCHMITT, Sabrine; IMBELLONI, Michelle. Relações amorosas na sociedade contemporânea. **Psicologia PT**, 2011. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0583.pdf>>. Acesso em: 18 outubro 2018.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; DO RÉGO, Mariana Oliveira; MONTEFUSCO, Érica Vila Real. O corpo idealizado de consumo: paradoxos da hipermodernidade. **Revista Subjetividades**, v. 10, n. 1, p. 137-165, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4919>>. Acesso em: 06 Outubro 2018.

SILVA, Rafael Bianchi. Notas para um diagnóstico da sociedade contemporânea. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 12, n. 136, p. 10-17, 2012. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/18383>>. Acesso em: 29 outubro 2018.

SIMÓ I ALGADO, Salvador et al. Terapia ocupacional, cultura y diversidad. 2016. Disponível em: <http://dspace.uvic.cat/xmlui/bitstream/handle/10854/4878/artconlli_a2016_simo_salvador_terapia_ocupacional.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 Outubro 2018.

SMEHA, Luciane Najar; OLIVEIRA, Micheli Viera de. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 2, p. 33-45, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872013000200003&script=sci_abstract&tlng=en>. Acesso em: 08 Outubro 2018.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e urbanização. 1988. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33420814/Sposito__M.E._B_-_Capitalismo_e_urbanizac_o.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1512779904&Signature=zaYWbnStV0eNbanrWDDbHgp%2FXHo%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DCapitalismo_e_Urbanizacao.pdf. Acesso em: 08 dezembro 2017.

VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. **Aletheia**, n. 32, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3528>. Acesso em: 08 outubro 2018.

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; GOMES, Isabel Cristina. A ausência do princípio de autoridade na família contemporânea brasileira. **Psico**, v. 40, n. 2, p. 2, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161567>. Acesso em: 23 outubro 2018.

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; GOMES, Isabel Cristina. A " fragilização das funções parentais" na família contemporânea: determinantes e consequências. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 491-502, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200012. Acesso em: 19 outubro 2018.